

OS DISCURSOS NA *ENEIDA*: DIDO

(4.305-330; 4. 365-387; 4. 416-436; 4.534-552; 4.590-629;
4. 651-662)

Depois de resolvida a questão da impossibilidade de se manter em Cartago,¹ o anúncio do abandono da cidade por parte de Eneias tem, como efeito primeiro, a promoção de um profundo e denso corte no decurso da acção. Esse corte não apresenta, no entanto, a consequência única do retorno do herói ao modelo de acção e ao horizonte de expectativa que, até ao naufrágio do livro I, dominavam a narrativa (a viagem e a demanda de Itália). Com efeito, se, no plano da linha de acção principal da épica virgiliana, o prosseguimento da viagem traduz a reconciliação² do herói com a sua missão, no plano estrito de Cartago a decisão em causa promove uma das maiores transformações possíveis de observar no quadro da composição da *Eneida*.

Falamos da transformação que se opera na figura de Dido, uma transformação oferecida aos olhos do leitor quer pelas informações do narrador que, *pari passu*, descreve estados de alma, intenções e sentimentos, quer pelas enunciações discursivas da rainha, que se configura como «The most eloquent character in the *Aeneid* (...). Her ten long speeches cover a wide range of emotion from regal graciousness to venomous hatred, from womanly tenderness to harsh self-loathing. From the hour when she learns Aeneas is deserting her (4.296-304) to the hour of her self-immolation, her voice fills the poem. Within less than four hundred lines Vergil creates a

¹ A resolução é tomada na sequência das indicações de Júpiter (4.223-237), transmitidas a Eneias por Mercúrio (4.265-276).

² Esta reconciliação, porquanto não resulta de uma deliberação espontânea por parte de Eneias, tende a ser vista pela crítica como uma reconciliação forçada.

masterpiece of psychical analysis. In six speeches he displays all the phases of her passion: reproach turning into surrender (4.305-330), denunciation and rejection (4.365-387), appeals for mercy and pity (4.416-436), despair (4.534-552), fury, remorse and imprecations (4.590-629), and at last acceptance of death, together with a renewed assertion of love mingled with hatred (4.651-662) in a union which can issue only in death.»³

No entanto, é ainda no panorama da conjectura do abandono de Cartago por Eneias que se opera a primeira modificação no quadro de progressiva transformação que se vai manifestar em Dido e que não deixa de acusar semelhanças, agilizadas, neste caso, pela escolha dos elementos de comparação, com as transformações típicas das heroínas trágicas (4.300-303): *Saeuit inops animi totamque incensa per urbem / bacchatur, qualis commotis excita sacris / Thyias, ubi auditio stimulant trieterica Baccho / orgia nocturnusque uocat clamorem Cithaeron*. («Desesperada, erra, de coração em chamas, por toda a cidade, como uma tíade, agitada pela passagem dos objectos sagrados, quando o chamamento de Baco inflama a orgia trienal e o nocturno Citéron a atrai com seu clamor.»)

Se a caminhada desorientada e a comparação do comportamento da rainha com o de uma bacante constituem os primeiros elementos que testemunham a passagem de um estado dominado pelo *amor* (livro I e início do livro IV) a outro dominado pelo *furor*, é, no entanto, por meio do diálogo, em 4.305-330, entre Eneias e a rainha que essa alteração se manifesta com extensa propriedade.

Apesar de configurar um discurso informal de persuasão,⁴ é nestes versos (em que a agitação de Dido se manifesta também pelo ritmo do hexâmetro) que o movimento de transformação ganha

³ HIGHET, Gilbert, *The speeches in Vergil's Aeneid*, Princeton – New-Jersey, PUP, 1972, 45.

⁴ De acordo com a classificação de HIGHET, *op. cit.*, 133.

substância e se direcciona, em sentido inexorável, para a catástrofe. No entanto, o discurso da rainha não deixa de evidenciar elementos de significado, que em muito ultrapassam a mera exteriorização emotiva da reacção ao abandono de Cartago por Eneias. Com efeito, como observa Heinze,⁵ é possível identificar dois momentos no discurso de Dido: o primeiro, entre os versos 305 a 313, que o autor classifica como *indignatio*; o segundo, entre os versos 314 a 330, que designa por *miseratio*. Este momento apresenta, por sua vez, uma divisão interna entre argumentos que se reportam ao passado (315-18), ao presente (320-23) e ao futuro (324-26). E da conjugação dos argumentos de natureza política e pessoal esgrimidos por Dido ao longo destes versos com a determinação de Eneias em abandonar Cartago resulta a percepção clara e definida de que, para a rainha, se começa a gerar um espaço vazio que se opõe ao esboço de uma alternativa diferente daquela que convergirá na sua própria morte.

No seu conjunto, o discurso, que apresenta um tom oscilante entre a violência e a comoção, é constituído por uma série de apelos, recriminações e argumentos supostamente favoráveis à renúncia da decisão tomada por Eneias, de onde avulta a situação de fragilidade, pessoal e política, em que incorreu pelo facto de o ter acolhido (4.320-330):⁶ «She begins with five reproachful questions, which are in fact arguments addressed to Aeneas's honor (305-308), self-interest (309-313) and love (314). Then she utters her main plea, in a long sentence which contains no less than seven appeals (314-319). Six of these are:

⁵ HEINZE, Richard, *Virgil's epic technique* (transl. HAZEL, D. e ROBERTSON, F.) Bristol, BCP, 1993, 425.

⁶ WILLIAMS, R.D., "Dido's replay to Aeneas (*Aen.* 4. 362-387)", *Vergiliana. Recherches sur Virgile*, Leiden, Brill, 1971, 425-426, observa que a referência de Dido «(...) of how she helped Aeneas when he was in dire distress has a rich literary background: in Homer (*Od.* 5.130 f.) Calypso speaks of how she saved Odysseus from destruction at sea; in Euripides' *Medea* 476 f. and Apollonius 4. 355 f. Medea angrily tells Jason of what he owes to her; in Catullus 64. 149 f. Ariadne rebukes Theseus for base ingratitude when she had saved his life.»

her grief at the thought of being deserted by him (314), his pledge (314), her helplessness (315), their half-realized marriage (316), her hospitality to him (317), and the ruin his departure will inflict on the life they have been building together (*domus labentis*, 318). But she is too proud to state the seventh outright: the fact, that he had found her a beautiful and lovable woman. She can only make herself *si ... fuit ... tibi quicquam / dulce meum*. And then after all these appeals, she (...) says only, with a hesitant hyperbaton, *istam ... exue mentem*. Then follow two more appeals stressing her hopelessness and loneliness: an appeal to his honor (320-326) and an appeal to the love they have shared (327-330). This she phrases with the utmost delicacy, saying that she might have been able to endure the separation if she had had a little son to remind her of his lost father.»⁷

No entanto, e apesar do potencial de eficácia retórica contido na menção da hospitalidade de Dido, Eneias converte a sua conjecturável obrigação de retribuir em elementar património de memória ao responder, apenas, que esse apoio não será esquecido.

A redução da restituição a simples memória resulta, no entanto, ultrapassada nas observações seguintes que, mais do que manterem esse movimento de redução, anulam a obrigação em causa. Com efeito, se, por um lado, Eneias desacredita qualquer intenção de se manter em Cartago ao observar que (4.338-339) *nec coniugis umquam / praetendi taedas aut haec in foedera ueni* («nunca invoquei archotes de marido, nem foi para estabelecer essa aliança que vim»); por outro lado, legitima a sua partida ao evocar a semelhança da sua empresa com a de Dido (4.347-350): (...) *Si te Karthaginis arces / Phoenissam Libycaeque aspectus detinet urbis, / quae tandem Ausonia Teucros considerare terras, inuidia est? Et nos fas exera quaerere regna*. («Se a cidadela de Cartago te prende a ti, que és fenícia, e te prende a vista de uma cidade líbia, porquê, então, invejar o estabelecimento dos Teucros em terras da Ausónia? Também nos é lícito demandar um reino estrangeiro.»)

⁷ HIGHET, *op. cit.*, 136

Embora Eneias não parta, no entanto, sem revelar à rainha a sua divisão interior (4.360-361: *Desine meque tuis incendere teque querelis: / Italiam non sponte sequor*. «Deixa de nos atormentar, a mim e a ti, com as tuas lamentações: não é por minha vontade que sigo na rota de Itália.»), Dido não se rende à decisão do herói. E, mais do que tudo, é a incapacidade de aceitação das condicionantes do *fatum* que promove mais um patamar na transformação da rainha, bem visível nas suas enunciações discursivas.

O próximo discurso da rainha (4.365-387) constitui um prolongamento temático do discurso anterior. No entanto, inteiramente dominado por um tom irascível, forma a enunciação discursiva mais violenta da rainha. Depois de se afastar de Eneias (os registos pronominal e verbal passam para a terceira pessoa), censura a injustiça divina (4.371-372: *Iam iam nec maxima Iuno / nec Saturnius haec oculis pater aspicit aequis* «Mas, na verdade, nem a excelsa Juno, nem o augusto filho de Saturno contemplam esta situação com justiça»),⁸ acusa o herói de insensibilidade (4.368-370), ingratidão (4.371-375) e rejeita a ideia de que a partida constitua uma imposição divina.⁹ Por fim, enuncia o desejo de vingança (4.382-383): *Spero equidem mediis, si quid pia numina possunt, / supplicia hausurum scopulis et nomine Dido / saepe uocaturum* («Sim, espero, se as potestades fiéis têm algum poder, que encontres o teu castigo entre os escolhos e que

⁸ DYSON, Julia, “Dido the Epicurean”, *ClAnt* 15 (1996) 204, interpreta esta afirmação como consequência do antagonismo entre «(...) Epicureanism and the supernatural machinery of the *Aeneid*. (...) she sarcastically points to the gods’ indifference a few seconds before she invokes their aid. Yet even an adherence to the purest Epicurean principles could not have helped her. Her serenity and her madness, her love of Aeneas and her loss of him, and finally her suicide, are brought about by that divine intervention which Lucretius declares impossible.»

⁹ HIGHET, *op. cit.*, 150, observa que «The passage in which Dido turns away from Aeneas to denounce him contains three main sections, each following the same pattern: an indignant, exclamation or exclamatory question, followed by an expanding tricolon (...).

invoques, muitas vezes, o nome de Dido»); e a determinação de o perseguir *post mortem* (4.384-386): *Sequar atris ignibus absens / et, cum frigida mors anima seduxerit artus, / omnibus umbra locis adero. Dabis, improbe, poenas*. («Mesmo ausente, hei-de seguir-te com fogos sombrios e, quando a fria morte tiver separado o meu espírito do meu corpo, como sombra estarei presente em todos os lugares. Serás punido, cruel!»). Se ambos os discursos (4.305-330 e 4.365-387) apresentam já semelhanças com as invectivas de Medeia a Jasão na tragédia de Eurípides,¹⁰ a promessa de vingança expressa agora a transformação da rainha em «(...) an unreal figure, stylized, grandiose, terrifying, a hyperbolical symbol of hate who will not allow herself to suffer defeat.»¹¹ à semelhança das heroínas trágicas; uma promessa a que Dido, mais tarde, próximo do momento da sua morte, vai dar seguimento, acentuando ainda mais essa semelhança, em um discurso que determina não só os termos concretos dessa vingança, como agiliza também a dimensão histórica subjacente à narrativa em geral e ao episódio em particular.

Dido faz ainda uma derradeira tentativa para manter Eneias por mais algum tempo em Cartago. Solicita a Ana que peça ao herói para protelar, ainda que temporariamente,¹² a partida, até que as condições

¹⁰ A crítica estabelece ainda semelhanças entre os referidos discursos e a enunciação discursiva de Medeia em *Argonautica* (4.355-390) e com o episódio de Ariadne em Catulo 64.52-264.

¹¹ WILLIAMS, R., D., *The Aeneid*, London, Allen & Unwin, 1987, 112.

¹² Na linha defendida por LYNE, R. O. A. M., *Further voices in Vergil's Aeneid*, Oxford, Clarendon Press, 1987, 174-175, de que «It is (...) quite wrong to suppose that Aeneas had no option but to leave Dido in the way he did and wrong to think that we cannot speculate about an alternative», CASALI, Sergio, «Staring at the pun. *Aeneid* 4.435-36 reconsidered», *CJ* 95 (1999-2000), 118, levanta o problema da natureza temporal do pedido de Dido para concluir que, embora «(...) do not wish to assert that the text tells us directly that Dido's final curse was something which Aeneas could have avoided if only he had decided to grant Dido a small favor, a brief delay, *tempus inane*. Yet I do believe that the text invites us to reflect on this possibility.» No entanto, tal possibilidade determinaria que tanto o

de navegabilidade se tornem mais favoráveis. A recusa de Eneias torna inevitável a catástrofe.

Dido toma a decisão de morrer. E, com o pretexto de que vai tentar reconquistar Eneias por meio de artes mágicas, pede a Ana que prepare uma pira, no centro do palácio, e que coloque junto dela as armas do herói. Ana acede ao pedido e a rainha prepara a sua morte: faz oferendas, invoca os deuses e implora justiça e vingança. É já durante a noite que, em monólogo¹³ (4.534-552), Dido racionaliza as suas opções: entre a humilhação de (4.535-536) *Nomadumque petam conubia supplex, / quos ego sim totiens iam dedignata maritos ?* («mendigar, suplicante, a união com esses nómadas que já tantas vezes recusei para maridos?») e a incerteza que representaria seguir (4.537-538) *Iliacas (...) classis atque ultima Teucrum iussa (...)* («a frota ilíaca (...) e aceitar as derradeiras exigências dos Teucros»), aliadas à constatação da dificuldade de encetar uma nova empresa (4.544-546), prefere a morte, que considera merecida (4.547): *Quin morere, ut merita es* («Não, morre, como bem mereceste»). E, finalmente, lamenta não ter (4.552) *seruata fides cineri promissa Sychaeo* «cumprido a fidelidade prometida à cinza de Siqueu».

A reacção de Dido, quando, de madrugada, se apercebe de que as naus troianas zarparam do porto, desenvolve-se em um longo monólogo, que ocupa os versos 590 a 629 do livro IV. À semelhança da maior parte dos discursos virgilianos, este monólogo, mais do que seguir uma formulação retórica precisa, assume-se como o veículo privilegiado de expressão da complexa condição interior da rainha, ou

enquadramento da profecia relativa às guerras entre Cartago e Roma, como o conflito entre o dever e os elementos humanos que determinam a acção do herói, ficassem completamente desenquadrados no contexto do episódio.

¹³ A crítica considera que o solilóquio de Dido começa em forma de pensamento, mas termina em voz alta. Note-se a semelhança com o monólogo de Medeia, na tragédia de Eurípides (401-409), em que, tal como sucede com Dido (vv.4.541-542, 4.547), «she addresses herself by name and gives herself stern commands in the second person.» (HIGHTET, *op. cit.*, 228).

seja, de uma condição na qual se degladiam, agora de forma definitiva e em crescendo dramático, emoções contraditórias que variam entre a indignação, a auto-censura, a compunção e o desejo de vingança.

O primeiro estágio emocional da rainha, dos cinco identificados pela crítica,¹⁴ é oferecido, nos versos 590 a 594. Depois de se ter apercebido da partida troiana, Dido, em um acesso de fúria e indignação, pensa em pegar em armas para perseguir os Troianos. Mas, imediatamente, percebe a insensatez das suas palavras e, de acordo com um traço comum aos monólogos virgilianos, nos quais a personagem é invadida por emoção violenta,¹⁵ tal intenção culmina em interrogações de incredulidade (4.595): *Quid loquor? aut ubi sum? quae mentem insania mutat?* («Que digo eu? ou onde estou? que insânia desvaria o meu espírito?»), para, de seguida, renovar a ideia de culpa, que lhe advém de ter confiado a Eneias as suas funções (4.596-597): *Infelix Dido, nunc te facta impia tangunt?! Tum decuit, cum sceptrum dabas.* («Desventurada Dido, é agora que a impiedade te abala? Era nessa altura que convinha, quando entregavas o ceptro.»).

A violência volta, no entanto, ao monólogo, nos versos 600 a 606, nos quais, em uma aproximação ao substrato trágico do episódio, convoca Medeia e Procne. E, na sequência destas considerações, lamenta não ter incendiado a frota e massacrado os Troianos.

E, finalmente, em versos solenes, invoca o Sol, Juno, Hécate, as Fúrias e pede vingança (4.612-620):

‘ *Si tangere portus
infandum caput ac terris adnare necesse est,
et sic fata Iouis poscunt, hic terminus haeret,
at bello audacis populi uexatus et armis,
finibus extorris, complexu auolsus Iuli
auxilium imploret uideatque indigna suorum
funera ; nec, cum se sub leges pacis iniquae
tradiderit, regno aut optata luce fruatur,*

¹⁴ HIGHET, *op. cit.*, 177.

¹⁵ Vide 1.50, 1.92, 2.588, 4.532, 4.590... Como observa HIGHET, *op. cit.*, 160, «The impulse of soliloquy is a realization of frustration and defeat».

sed cadat ante diem mediaque inhumatus harena.'

«Se é preciso que essa cabeça nefanda chegue a um porto e que navegue até uma terra; se assim o impõem os fados de Júpiter e se este desígnio é imutável, que, ao menos, atacado, na guerra, pelas armas de um povo audaz, banido para fora dos seus domínios e arrancado aos braços de Iulo, implore auxílio e presencie a infortunada morte dos seus; e que, depois de se ter submetido às leis de uma paz iníqua, não consiga disfrutar da sua realeza, nem da doce luz, mas pereça, antes do tempo, e jaza, insepulto, no meio da areia.»

As maldições de Dido exemplificam bem, à semelhança do que sucede com as profecias, a forte ligação episódica e coesão intratextual da *Eneida*, na medida em que a menção à guerra, ao pedido de auxílio, às mortes troianas constituem, respectivamente, *leit motiven* dos livros VII, VIII e X a XII. A referência à morte de Eneias convoca a tradição mítico-lendária associada ao herói, que o dá como morto pouco tempo depois (cerca de três anos depois) de chegar a Itália.

De igual forma, nos versos seguintes, o desejo de vingança absolutiza-se e estende-se a todos os tempos e espaços e, em uma antevisão histórica implícita das guerras púnicas, às gerações futuras (4.622-629):

*'Tum uos, o Tyrii, stirpem et genus omne futurum
exercete odiis, cinerique haec mittite nostro
munera. Nullus amor populis nec foedera sunt.
Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor
qui face Dardanios ferroque sequare colonos,
nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires.
Litora litoribus contraria, fluctibus undas
imprecor, arma armis; pugnent ipsique nepotesque.'*

«Agora vós, Tírios, persegui com o vosso ódio a sua estirpe e toda a sua descendência vindoura e ofereci esta dádiva às minhas cinzas. Que não existam jamais laços de amizade e alianças entre os dois povos. Levanta-te das nossas ossadas, vingador, quem quer que sejas, e persegue a ferro e fogo os colonos dardânios, agora, mais tarde e em qualquer tempo que haja forças. Praias contra praias, ondas contra mares, armas contra armas, é esta a minha maldição! Que se batam os dois povos e os seus descendentes!¹⁶»

O final do discurso de Dido, apesar de não seguir um esquema retórico, mas emotivo, culmina, após ter-se dirigido a si própria, a Eneias e às divindades, com um apelo ao seu povo, no qual «(...) all the previous pity and pathos is purged away, and her speech is a grandiose and formalized imprecation, arising from thwarted power, injured pride, and the uncontrollable passion of revenge.».¹⁷ Após este derradeiro apelo, Dido apressa a execução da sua auto-infligida sentença de morte. Pede à ama de Siqueu que chame Ana para ajudar ao sacrifício que prometera a Júpiter Estígio. A rainha dirige-se *trepida* e *furibunda* para junto da pira. No entanto, a visão das vestes de Eneias ao fazer com que, com uma emoção mal contida, Dido se abandone às lágrimas, suaviza as tonalidades da vingança expressa em 622-629 e traz de novo a rainha para o contexto trágico do episódio, que se vai desenvolver em toda a extensão nos versos seguintes.

¹⁶ HIGHET, *op. cit.*, 180, observa que «(...) the hypermetric syllable in *nepotesque* hangs in the air like the echo of a scream, as though her rage were spilling over all bounds of normal speech, and as though she wished to convey the long duration of her ardent hate. Only here in the Aeneid, and in the conclusion of a boastful speech by Turnus, is the hypermetric syllable syntactically disjoined from the following line, in which metrically it is swallowed up. The effect is like a grim chord prolonged beyond expectation or endurance.»

¹⁷ WILLIAMS, R., D., *op. cit.*, 117.

Com efeito, as suas últimas palavras (4.651-662), proferidas em ritmo solene, expressam a mudança de tom e de um registo de vingança para um registo em que, como observa Di Cesare, «Though it is Aeneas' destiny which destroys her, she dies embracing, not rejecting, the past, her love still overpowering.»¹⁸

Assim, depois de lembrar Eneias, pede a morte e a paz que espera encontrar (4.652): *accipite hanc animam meque his exsoluite curis* («acolhei o meu espírito e livrai-me dos meus tormentos»), palavras que ecoam as primeiras que pronunciara aos troianos (1.562: *meque his exsoluite curas*). Em 4. 653-56, memora, em termos que evocam um epitáfio, a sua empresa e, por fim, aceita morrer sem vingança. O seu último pensamento é ainda dirigido a Eneias (4.659-662):

*'Moriemur inultae,
sed moriamur.' ait. 'Sic, sic iuuat ire sub umbras.
Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto
Dardanus, et nostrae secum ferat omnia mortis.'*

«'Morremos sem vingança, mas morramos' – exclama! 'Mesmo assim, mesmo assim, apraz-me baixar às sombras. Que do mar alto o cruel dardânio contemple este fogo e leve consigo o presságio da minha morte!」»

Dido consuma o seu desejo de morte, ferindo-se no coração com a espada de Eneias. Os últimos momentos de Dido evocam o ambiente da tragédia grega, «with his coral song after the suffering and the disaster.»¹⁹ Juno apieda-se do (4.693-694) *longum (...)* *dolorem / difficilisque obitus* («longa dor e da sua morte penosa») e envia Íris à terra para desligar a alma do corpo da rainha. A última

¹⁸ DI CESARE, Mario, A., *The altar and the city*, New York – London, Columbia University Press, 1974, 28.

¹⁹ WILLIAMS, R., D., *op. cit.*, 118.

consideração feita à morte de Dido não deixa, no entanto, de evidenciar um julgamento sobre o carácter extemporâneo e imerecido do seu fim; um julgamento que, em última análise, resgata a rainha do ambivalente quadro ideológico, que resulta talvez não tanto dos seus actos, mas sobretudo das suas palavras: (4.696-697) *Nam quia nec fato merita nec morte peribat, / sed misera ante diem subitoque accensa furore* «Pois como não morria por desígnio do fado, nem por morte merecida, mas, desditosa, morria antes do tempo, abrasada por súbito furor»).

CLÁUDIA A. AFONSO TEIXEIRA